

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL EM ESCOLA PÚBLICA: UMA ANÁLISE DE RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado
como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de psicólogo

2009

Naiane Gaspar Nunes

Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado (Brasil)
naigaspar@yahoo.com.br

Orientador

Prof. Carlos César Barros

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar se existem modelos específicos de aplicação de orientação profissional à realidade da escola pública e/ou se é necessária uma nova proposta a fim de atender as necessidades deste público. Para isso, foi realizada uma análise de artigos que abordem o tema da orientação profissional em escola pública, sua aplicação e resultados, sendo selecionadas pesquisas realizadas em diferentes fases do desenvolvimento educacional e em diferentes regiões do Brasil, selecionando desta forma artigos do ano de 2003 a 2009. A partir do estudo do histórico da orientação profissional e dos dados obtidos sobre a prática realizada atualmente ficou em evidência a importância e a necessidade da orientação profissional na escola pública, além do fato de que não existe um modelo específico que se adeque a esse contexto, a essa realidade. Conclui-se que há uma importância de investimentos teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da orientação profissional neste campo.

Palavras-chave: Orientação profissional, escola pública, modelos de atuação

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo fazer uma reflexão a partir do estudo do histórico da orientação profissional e de pesquisas recentes sobre a aplicação desta em um contexto pouco explorado, a escola pública, mostrando alguns modelos de intervenção existentes se há um melhor modelo que se adequa a este tipo de público. Ou, ainda, se há a necessidade de adaptação para um novo modelo de atuação. Pretendendo contribuir desta forma para o debate sobre a orientação profissional realizada no âmbito da educação pública.

O método utilizado foi uma revisão bibliográfica, sendo a pesquisa realizada em duas etapas: na primeira, foram levantados dados sobre o histórico e o desenvolvimento da orientação profissional. A segunda etapa foi a análise de artigos recentes sobre orientação profissional em escola pública, categorizando os dados segundo o público atendido, o modelo de atuação, a abordagem utilizada, os resultados apresentados, as expectativas e as propostas, a fim de identificar se esses fatores podem ser determinantes na prática da orientação profissional e se estão atendendo às expectativas da sociedade.

Apresento um panorama sobre a evolução das técnicas, métodos e perspectivas da orientação profissional voltados para a educação pública.

O presente trabalho teve como ponto de partida o interesse pelo tema da orientação profissional e a observação que tive de que, anualmente, um número crescente de jovens precisa decidir por uma profissão, por um trabalho, por um futuro. Também, por perceber, a partir dos dados encontrados nos artigos e na experiência realizada no estágio supervisionado em orientação profissional, que as condições educacionais precárias e a dificuldade de acesso à informação fazem com que os alunos de classe baixa apresentem dificuldade em fazer uma escolha responsável optando por uma escolha pela subsistência, no sentido de existir uma necessidade direta, ou seja, uma necessidade de trabalhar principalmente para sua sobrevivência, havendo necessidade de tomar uma decisão rápida, tendo como maior empecilho para a escolha uma condição social desfavorável.

Nesta experiência de estágio, além da dificuldade de escolha por questões sociais a que estão submetidos, percebo que os orientandos não são mais tão jovens, ou melhor, não estão mais na fase da adolescência, sendo alunos de 19 a 33 anos, diferentes do que descrevem os artigos que estudam um público em sua maioria de adolescentes, mostrando dessa forma que a realidade é bem diversificada.

Levando em conta a possibilidade das escolhas profissionais serem realizadas de maneira pouco conscientes, a pressão dos determinantes econômicos e culturais a que está submetido o orientando, penso que a orientação profissional pode ser um espaço para reflexão sobre as

possibilidades, a realidade e os limites que enfrentam, incluindo a entrada no mercado de trabalho, bem como para conhecer a si próprio. Desta forma poderia contribuir para que o orientando faça uma escolha madura, consciente e responsável, sem deixar de lado os seus interesses e desejos, buscando a satisfação pessoal e financeira, além de ter consciência das conseqüências que sua escolha trará para sua vida.

Acredita-se que a orientação profissional em escola pública pode fazer com que percebamos o entorno das escolhas desses alunos, beneficiando o desenvolvimento dos mesmos a uma postura ativa frente às suas escolhas, buscando informações e objetivos.

Por outro lado, o estudo e a aplicação da orientação profissional nesse campo tão pouco explorado pode favorecer a quebra da visão elitizada de orientação profissional, introjetada pela maioria dos orientadores, abrindo espaço para novas formas de pensar e fazer orientação profissional. Quem sabe, desconstruir e reconstruir e/ou construir novas teorias e práticas acerca desse tema.

Espera-se que este estudo possa proporcionar, de alguma forma, mais elementos e embasamento para que os profissionais possam conduzir futuras pesquisas e, de forma mais adequada sua atuação nesse contexto. Bem como mostrar que ajudar o sujeito a escolher uma profissão pode funcionar como prevenção e promoção da saúde, sendo o seu meio social o melhor local para execução dessa atividade, propondo que os jovens expressem-se, falando o que querem dizer e não reproduzindo o que a sociedade quer, além disso, os jovens precisam ser ouvidos. (Lucchiari, 1993, p. 16)

Dada a importância desse problema, torna-se relevante realizar uma discussão histórica sobre o tema, observando o desenvolvimento e os modelos da orientação profissional.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O SEU DESENVOLVIMENTO

O presente tópico tem por objetivo relatar o percurso da Orientação Profissional e suas evoluções, bem como falar dos modelos e práticas, no sentido de situar o leitor perante o tema, a fim de mostrar a construção da orientação profissional e sua visão elitizada, formada ao longo dos anos, além da criação e desenvolvimento de novas propostas de pensar e atuar em novos contextos.

Se pararmos para perceber os registros do homem e as escolhas, veremos que isso acontece desde a Idade Média, quando o nível e campo ocupacional eram determinados pelo nascimento, pelas castas, sendo o aprendizado realizado dentro das famílias, ou seja, as ocupações se davam hereditariamente. Com a Revolução Francesa, em 1789, vem a liberdade de escolha, essas não eram mais determinadas pelas famílias e sim ocasionadas pela igualdade de direitos dos homens.

Com a Revolução Industrial, acontece uma mudança do modo de produção agrário para o industrial, o cenário transforma-se novamente, ou melhor, complementa-se nas relações de trabalho. Exige-se qualificação humana, pois surgem novas ocupações, e a partir desse momento surgem os primeiros sinais da orientação profissional. O objetivo era detectar trabalhadores inaptos para realização de determinadas tarefas, buscando desta forma a eficiência industrial. Era o homem certo para cada ocupação.

Com essa transformação, o capitalismo sofre uma explosão, dando início a uma nova era, quando o que interessava era a lucratividade. Com esse desenvolvimento constata-se que existe uma grande parte da população desqualificada, fazendo-se necessário o surgimento de alguma forma para capacitar essa população e tornar a mão-de-obra qualificada. Com isso, a escolha profissional passa a ter um destaque, pois o homem é livre para oferecer o seu trabalho.

Em 1909 acontece a publicação do 1º livro sobre Orientação Profissional, “Escolhendo uma Profissão”, de Frank Parsons, e também o surgimento do primeiro Centro de Orientação Profissional, criado pelo mesmo. Este último possuía o objetivo de identificar aptidões, buscando uma boa adaptação através da comparação dos perfis do indivíduo e do requisitado pela ocupação, ou seja, a adaptação depende do equilíbrio entre as características do indivíduo e as exigências das funções (SPARTA, 2003)

Com a 1ª Guerra Mundial, em 1917, amplia-se a demanda por orientação profissional para o recrutamento de novos membros para o exército e com isso o incentivo para surgimento de novos testes como os de inteligência, aptidões, habilidades, interesses e personalidade.

Com esses acontecimentos, podemos marcar o início da construção da teoria do Traço e Fator, de Parsons, emergida por influências do modelo psicométrico que traz como principal foco o desenvolvimento de testes. Esta teoria afirma que para a orientação da escolha é suficiente a aplicação de um instrumento a fim de obter informações sobre suas aptidões, habilidades e interesses para que possam ser emparelhadas com as características de uma profissão, caracterizando assim um determinismo da escolha.

A Orientação Profissional iniciou-se ligada à psicometria, não suficientemente necessitou desenvolver-se e então recorreu para outros referenciais, pois os existentes não supriam os questionamentos com relação à prática. As técnicas tiveram um papel fundamental, sendo ainda mais elaboradas e sofisticadas numa tentativa de desvendar os mistérios da indecisão profissional, porém só estas técnicas não são suficientes e precisam de um complemento, a teoria.

Com os dados apresentados no artigo de Sparta, 2003, até o momento, os rumos da Orientação Profissional eram de concepção diretiva, porém em aproximadamente 1940 com o surgimento da teoria de Carl Rogers, centrada na pessoa, a orientação profissional passa a ter um novo rumo, influenciando bastante a transformação dos paradigmas e das práticas, dando lugar para o surgimento de novas teorias mais “subjetivas” como a Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Super e a Teoria Tipológica de Holland.

Em Sparta 2003 descreve o surgimento da Orientação Profissional no Brasil, que iniciou-se mais precisamente em 1924, com o surgimento do Serviço de Orientação Vocacional no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo por Roberto Mange. Já em 1931 é criado o primeiro Serviço Público de Orientação Profissional por Lourenço Filho. O Instituto Nacional de Seleção e Orientação Profissional (INSOP) é criado em 1947, pelo Ministro João Vidal, o qual ajudou para o crescimento não só da Orientação Profissional bem como o desenvolvimento da Psicologia no Brasil.

O Brasil vem seguindo sob influência da teoria do Traço e Fator, não migrou para Desenvolvimentista, Tipológica, Escolha Psicodinâmica ou Decisional; seguiu com tendência de Orientação Profissional em Consultórios sendo reforçada após 1962 com a influência mais marcante da Psicanálise, especialmente Bohoslavsky, que também segue com influência da psicologia social, o qual influenciou e deu um novo rumo à Orientação Profissional. Já em 1977, Maria Margarida de Carvalho introduz a Estratégia Clínica de Orientação Vocacional, de Bohoslavsky, no Brasil.

Para esta vertente, a escolha é como manifestação de pulsões inconscientes, um processo desenvolvido durante toda a vida que sofre influências do campo familiar, escolar, social, econômico; sendo que a pessoa constrói sua escolha em contato com a percepção da sua subjetividade juntamente com a realidade das profissões e contingências sócio-econômicas, que mudam constantemente. Neste caso, o objetivo do orientador é propiciar autoconhecimento, acrescido de algumas técnicas informativas, admitido o uso eventual da psicometria como um teste de maturidade, por exemplo, apenas em seu caráter instrumental. O orientador estimula a auto-elaboração e decisão voltadas para o futuro.

Em 1980, Celso Ferretti, estudioso da educação, começou a realizar críticas a teorias e modelos de orientação profissional. Ferretti sugeriu um novo modelo de Orientação Profissional, sendo o objetivo a reflexão sobre o próprio processo de escolha profissional e sobre o trabalho. Para esse autor, as escolhas são multideterminadas e com possibilidades relativas, sendo influenciada pela sociedade política e cultural. (ABADE, 2005)

Algum tempo depois, nesta mesma proposta de mudança e inovação dos modelos de orientação profissional, Sílvio Bock, em 2002, tomando como alicerce as críticas de Ferretti, nomeia uma nova abordagem, a Sócio-Histórica, da qual critica e separa-se das teorias e técnicas tradicionais no campo da orientação profissional, levantando questões sobre a liberdade e a igualdade de escolha do indivíduo, afirmando que a profissão é construída pela pessoa dentro de um processo social e cultural, para este teórico, a escolha é feita a partir de posicionamento crítico sobre o contexto social e relações de trabalho, acrescido de autopercepção sobre aprendizagens e perspectiva de futuro (PESSINI, 2008). O objetivo é a escolha racional, tendo o orientador o papel de conduzir o processo, fornecendo informações e estimulando reflexões, para que o orientando conheça as influências, os determinantes da sua escolha e possa transformar sua

realidade.

Se pararmos para observar criticamente e de uma forma geral as teorias psicológicas da orientação profissional veremos que as pesquisas e produções estão em desenvolvimento, ainda que nessa área existam inúmeras teorias e práticas. Neste sentido, é necessário conhecer essas teorias e os temas que envolvem a realidade social, profissões e o mundo do trabalho. Para que seja exercida da melhor forma a sua prática.

Após a descrição e análise do histórico vem uma questão: estaria a prática de orientação profissional, atualmente, favorecendo de modo adequado uma inserção responsável do jovem no mercado de trabalho, nesses novos contextos em que estão inseridos novos orientandos?

Como romper com essa marca histórica da Orientação Profissional, que há anos vem servindo como reprodução da ideologia das classes média e alta?

Para tentar responder a essas questões, descrevo os objetivos atuais da orientação profissional, direcionando para o desenvolvimento da mesma na educação pública.

3. A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O SEU PAPEL NA SOCIEDADE

A nova realidade brasileira vem se definindo por novos contextos e novos desafios que exigem o desenvolvimento da orientação profissional e a adaptação às mudanças sociais a fim de obter resultados relevantes para a sociedade. Esses novos contextos e desafios envolvem um mercado mutável e exigente, a criação e elaboração de profissões, sendo que algumas delas deixaram de existir, gerando conseqüências para o sujeito contemporâneo.

Com tantos fatores que influenciam a nossa vida, como escolher? A escolha de uma profissão é uma necessidade e percebe-se, neste momento, que existe certa dificuldade para selecionar o que se quer e o que não se quer para o futuro, pois as conseqüências dessas escolhas, para o sujeito, implicam em deixar de escolher algo e isso gera indecisão, conflitos, ansiedade e sofrimento. Uma das causas desses fatores é a falta de informação e maturidade para fazer uma escolha responsável. Por muitas vezes é feita uma escolha possível em um momento específico, sem se ter muita consciência das influências sofridas. As influências sobre a escolha profissional estão inseridas em um contexto mais amplo e determinante no caminho do sujeito, é de ordem social, política e econômica e implica em uma série de situações que determinam essa escolha, principalmente para aqueles que pertencem às classes subalternas.

Bastos (2005) afirma que entre a escolha profissional realizada e a efetivação da mesma existe uma grande distância, pois existem fatores determinantes que podem interferir na realização do curso ou da profissão desejada. Diante da escolha profissional do aluno do Ensino Médio de escola pública, portanto, coloca-se a necessidade de trabalhar. A falta de recursos para

pagar um cursinho pré-vestibular ou uma faculdade, o que pode ter um peso decisivo na concretização de suas escolhas, pois ao escolher o jovem considera a questão financeira, pois tem a expectativa de que com a profissão pode alcançar seus objetivos materiais como casa, carro e ajuda aos pais, ou até mesmo mudar de condição social. E é a partir disso, na condição de profissionais de psicologia, que não podemos esquecer do indivíduo em seu contexto social.

Atualmente, na realidade, os beneficiados com os modelos e processos de orientação profissional são os jovens de classe mais favorecida, faltando estudo e desenvolvimento de pesquisas para as classes mais pobres, que se encontram nas escolas públicas ou fora dela e que suas necessidades vão além de escolher um curso superior (RIBEIRO, 2003, p.143).

Quando se tenta restringir a orientação profissional a um determinado público, há pelo menos duas implicações: uma que direciona a escolha profissional para os cursos de nível superior e, nesse ponto, é importante salientar que escolher um curso ou profissão não significa ingressar numa faculdade. A segunda diz respeito a idéias preconcebidas de que o aluno da escola pública ou classe desfavorecida, sem oportunidade, não tem direito a escolher - sua condição é ser carente, vitimado pela situação econômica. (COSTA, 2007, p. 80)

Abade (2005) também aponta a necessidade de desenvolver práticas de orientação profissional para contextos desfavorecidos da sociedade, ao invés de direcioná-las a jovens de classe elitizada, que possuem, de certa forma, uma condição melhor de estudo e de vida. Já para Souza (2009), A inserção da orientação profissional nas escolas públicas poderia favorecer oportunidades aos estudantes para discutirem sobre a sociedade e os significados da escolha profissional, o que os prepararia para uma entrada mais crítica e consciente no mundo do trabalho.

Um papel que deve ser incorporado pela orientação profissional é o de promover qualidade de vida, além de auxiliar a escolha profissional, permite ao sujeito fazer a melhor escolha no momento em que está vivendo e não necessariamente a escolha certa, concreta, fechada. (PESSIN, 2008, p. 132)

Segundo Lucchiari (1993), a orientação profissional vem para auxiliar o momento em que se é necessário fazer uma escolha, fazendo com que o orientado reflita sobre o seu momento e os aspectos que estão à sua volta e da sua escolha como os aspectos sociais, familiares e pessoais. Ou seja, ajudar o próprio orientando a guiar seu caminho escolhendo por onde quer seguir.

A orientação profissional tem como finalidade a ampliação da consciência do indivíduo sobre a realidade, instrumentando-o para agir, no sentido de transformar e resolver as dificuldades que essa realidade lhe apresenta, possibilitando uma reflexão acerca dos aspectos psicológicos, econômicos e sociais que influenciam a escolha; discutir a relação homem-trabalho; informar sobre as

profissões e possibilitar autoconhecimento relacionado à escolha. Justifica-se e ressalta-se, assim, a importância do trabalho de Orientação Profissional em escolas públicas, tendo em vista as desigualdades sócio-econômicas que o Brasil apresenta, trazendo para aquele contexto uma reflexão e possível mudança de tais condições. (MULLER, 2009, p. 39)

Um ponto importante para lidar com esse público e alcançar os objetivos da orientação profissional é saber quem é e como escolhe esse jovem que procura orientação profissional e o que o faz sentir necessidade de pedir ajuda. É importante compreender o orientando com sua história, sua família, amigos e seu meio socioeconômico e cultural, considerando momentos passados e o momento da presente escolha.

Quando o jovem busca a orientação profissional, evidencia possuir expectativas e preocupação com relação ao futuro. Busca o orientador como alguém que pode ajudar, indicando o outro como um vínculo com o futuro (BOHOSLAVSKY, 2007). É interessante neste momento pensar quais referências esse jovem tem e, dessa forma, entenderemos que o jovem toma esse outro, o orientador, como uma referência, algo de que ele pode estar privado pela sua própria situação social, é nesse momento que se estabelece o vínculo com o orientador, proporcionando até mesmo uma melhor desenvoltura e resultado do trabalho.

Na maioria das vezes, os alunos que procuram a orientação profissional são jovens com identidade pessoal em formação, em busca da formação da identidade profissional. Quem sabe talvez esse seja o ponto certo para justificar um investimento nos alunos de escola pública. Ajudar a formar sua identidade pessoal através desse processo com o autoconhecimento e o conhecimento de sua realidade; fazer esse sujeito refletir e escolher, escolher o seu caminho, a sua profissão e saber que pode transformar-se e transformar o seu contexto, ser sujeito ativo de sua própria história.

Por hora, fica apenas a ressalva de que é preciso, acima de tudo, que os profissionais da Orientação Profissional não esqueçam que a escolha de uma profissão, bem como a dúvida e a indecisão, fazem parte do desenvolvimento normal dos indivíduos e que o papel do orientador profissional é o de servir como instrumento para este desenvolvimento. (SPARTA, 2003, p. 8)

4. ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

O critério para a escolha dos artigos foi selecionar aqueles que falam sobre a orientação profissional em escola pública, mais especificamente os que contêm relatos de experiência. Não foi determinante o tipo de público, sendo selecionadas pesquisas realizadas em diferentes fases do desenvolvimento educacional e em diferentes estados do Brasil, selecionando desta forma 10 artigos do ano de 2003 a 2009, em formato eletrônico.

Para ampliar o olhar à categorização dos artigos considerou-se pertinente relatar a pesquisa realizada por Melo-Silva et al (2003) na qual entrevistou profissionais de orientação profissional, descrevendo a partir do contato inicial, que as práticas em orientação profissional no Brasil possuem um único foco, a questão da escolha.

Melo-Silva et al (2003) aponta os referenciais teóricos que fundamentam a prática dos orientadores, são bem diversificados e que os profissionais utilizam mais de um referencial, variando entre Carvalho, Ferretti, Bohoslavsky, Levenfus, Super e Pelletier. Já as estratégias de intervenções indicam atendimentos grupais e individuais, sendo este último utilizado pela maioria dos profissionais entrevistados na área da psicologia.

Quanto aos instrumentos utilizados nas estratégias de intervenção são variados, estes são: dinâmicas de grupo, jogos, atividades plásticas, psicodramáticas, vivência e dramatizações; entrevistas; testes; informação profissional; técnicas de autoconhecimento; recursos audiovisuais. Os temas mais abordados pelos psicólogos nesse processo são, em primeiro lugar, informação profissional seguida do tema do autoconhecimento, influências familiares e escolha profissional.

A quantidade média de encontros realizados no processo é, no total, de 10 encontros, feitos um a cada semana, com duração entre 45 minutos e 3 horas. Recebendo uma clientela predominantemente do sexo feminino, originária de classe média. Em equilíbrio alunos de escolas públicas e particulares, o que parece não está em concordância com as outras pesquisas apresentadas.

Os orientadores entrevistados nesta pesquisa apontam como uma necessidade a valorização da orientação profissional por meio da implantação de políticas públicas; tendo como objetivos criar projetos extensivos às classes desfavorecidas, além de expressarem a necessidade de realização de pesquisas quanto à divulgação dos resultados das experiências vividas. Ressaltam também que possuem uma grande expectativa em relação ao futuro da orientação profissional por conta do avanço do mercado de trabalho.

Dando continuidade aos aspectos gerais, observa-se no artigo de Pessini (2008) que ele realiza um estudo a fim de analisar os efeitos da orientação profissional em um determinado grupo, destacando que a orientação profissional contribui para a diminuição das dúvidas, proporciona autoconhecimento e facilitação do processo de escolha, o que pode ser confirmado por outros autores a seguir citados.

Dos dez artigos analisados, o de Costa (2007) foi o primeiro em que o público é de adolescentes entre 13 a 18 anos, em sua maioria do sexo feminino. A natureza de intervenção foi em grupo, sendo abordados temas sobre vida escolar, trabalho e futuro, proporcionando, desta forma, segundo a autora, uma escolha profissional consciente e fundamentada na realidade psicossocial. Foi percebido, após a experiência, a necessidade de mais tempo, por conta da demanda de ser a primeira vez que sentiam-se à vontade para expor seus sentimentos e pensamentos relacionados à escolha. Duraram quase um ano os encontros semanais de 1 hora e

30 minutos cada. Um ponto que chama atenção neste artigo é que a autora não aponta um referencial teórico de base, possuindo algumas citações de Carvalho, autora de abordagem clínica psicodinâmica.

O objetivo da autora, acima citada, com seu projeto era que os adolescentes falassem sobre sua vida, expusessem suas dúvidas sobre o mercado de trabalho e refletissem sobre as possibilidades do estudo e sobre profissões, permitindo-os fazer escolhas profissionais conscientes e constituírem seu projeto de vida.

Dando continuidade à análise dos artigos, Miranda et al (2005) apresenta, em seu relato de experiência, um público formado por alunos da sétima e oitava séries, tendo como referencial teórico a abordagem Sócio-histórica, abordando temas como mundo do trabalho, profissões, autoconhecimento, o processo de escolha, habilidades e influências. Com o objetivo de criar um espaço discursivo acerca da escolha profissional. Para isso utilizou a modalidade grupal, pois

acreditamos que tal modalidade permite ao jovem perceber-se como um sujeito inserido num espaço social concreto, sendo constituído e constituente deste. A dinâmica do próprio grupo permite ao sujeito questionar-se, confrontar-se numa constante construção e desconstrução de idéias e conceitos que se ampliam ao longo do processo de aprendizagem. O grupo possibilita ainda, a troca e o compartilhamento de idéias, apreensões, medos, informações, perspectivas e sonhos presentes no processo de escolha (MIRANDA et al, 2005, p. 1).

O público descrito é de adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos. A escolha por esse tipo de público surge, segundo a autora, por entender que a escolha profissional deve ser um processo gradativo, devendo ser inserido ainda no ensino fundamental. Para isso, foram realizados 10 encontros de 1 hora de duração cada, com a utilização dos seguintes instrumentos: entrevistas semi-estruturadas, testes, questionários, debates, dinâmicas grupais, pesquisas e recursos audiovisuais.

Segundo Miranda et al (2008), com esse trabalho, proporcionou aos alunos a discussão e reflexão dos vários fatores a serem considerados no processo de escolha profissional. O seu objetivo era se contrapor ao modelo tradicional de orientação profissional, realizado somente no final do ensino médio e com alunos de classe média e de escolas particulares, e também a fim de integrar a orientação profissional no processo educacional.

Souza et al (2009) é outro autor que relata uma intervenção em orientação profissional com alunos de escola pública, objetivando com seu estudo contribuir para o debate sobre algumas possibilidades da orientação profissional realizada em grupos e no âmbito da educação pública. O público atendido pelas oficinas é de alunos do 3º ano do ensino médio do período noturno que possuem entre 17 e 20 anos e um de 33 anos. Os temas foram discutidos em 8 encontros, com duração de 2 horas cada, abordando a relação dos estudantes com o cotidiano escolar, a escolha

profissional, o futuro, as profissões, influências familiares, curso superior e significados sociais do trabalho. Para isso foram utilizados como instrumentos pesquisas e dinâmicas grupais, atendendo os critérios da abordagem escolhida, a sócio-histórica.

Os resultados obtidos nessa experiência foram o reconhecimento da falta de informação, bem como foi possível refletir sobre assuntos importantes que não eram expressos, demonstra que após o processo os alunos desenvolveram segurança, tranquilidade, autonomia e posição ativa quanto aos projetos futuros, apesar da escolha não estar definida. Como resultado final descreve que o processo ajudou o orientando a fazer uma boa escolha. O método utilizado para análise desses resultados foi um relatório final, no qual os orientandos relatavam o que significou o processo e qual a provável escolha. Uma observação sobre a experiência é que o número de encontros foi pequeno, podendo ser explorados e consolidados outros temas e análises.

Já Ribeiro (2003), em seu artigo, teve como objetivo identificar novas demandas em orientação profissional, buscando saber quais as necessidades desses alunos com relação ao futuro. Para isso utilizou uma amostra de alunos de 2º e 3º ano do ensino médio, com faixa etária de 16 a 18 anos e em sua maioria mulheres. Os instrumentos utilizados com o grupo foram questionários, redação e dinâmicas de grupos.

Ao final de sua experiência obteve o resultado esperado que era uma orientação com relação à inserção imediata no mercado de trabalho e um auxílio no projeto de vida. Assim como Miranda et al (2008) sentiu a necessidade de contraposição aos atendimentos tradicionais, porém diferente desta autora utilizou o modelo estabelecido por Carvalho, que utiliza a quantidade de cinco encontros com duração de 3 horas cada e os temas abordados que ela determina são: conhecimento do próprio processo de escolha, auto conhecimento e conhecimento do mundo do trabalho.

Esse tipo de procedimento se mostrou eficaz, pois oferecia aos alunos interessados a possibilidade de um espaço para reflexão e elaboração do seu projeto de vida, espaço esse, que era escolhido pelo próprio aluno, já denotando um caminho e uma escolha para sua vida. Além disso, o aluno se sentia motivado, pois no seu próprio ambiente educacional era oferecida a possibilidade de pensar sobre o seu futuro. (RIBEIRO, 2003)

Em Muller et al (2009) o objetivo é relatar uma experiência onde o trabalho é de levar orientação profissional diretamente à comunidade, a fim de fornecer esclarecimento de dúvidas; criar um espaço de auto-investigação e questionamentos sobre o futuro. O público abordado é bem diversificado, sendo alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio com idades de 14 a 20 anos, descrevendo maioria do sexo feminino, assim como na maioria dos artigos analisados. Bem como coincide com a maioria dos temas abordados pelos outros autores (auto conhecimento; conhecimento do mundo das profissões e a escolha profissional) e instrumentos utilizados que

foram retirados de Soares, que são questionários, dinâmicas de grupo, jogos, realizados em 5 a 6 encontros com tempo médio de 1 hora e 30 minutos cada, sendo sua base teórica a sócio-histórica

O último artigo analisado é o de Selig e Valore (2008) que possui o objetivo geral de analisar a trajetória de jovens antes e após o processo de orientação profissional e observou uma facilitação da escolha favorecida pela diminuição da ansiedade, pelo estabelecimento de uma relação transferencial de aspiração e pela superação da situação problemática. “Os resultados também sinalizam a importância da participação da escola e da família na construção de uma postura autônoma, como fator potencializador dos benefícios da orientação profissional” (SELIG & VALORE, 2008, p. 127).

A modalidade utilizada para a obtenção desses resultados foi a grupal, com 8 encontros de duas horas cada e fundamentação teórica clínica psicodinâmica de Bohoslavsky, que descreve alguns instrumentos como: dinâmicas de grupo, jogos, desenhos, colagens, autobiografia, questionários, pesquisa, entrevistas, para abordar os temas tradicionais do autoconhecimento e da informação ocupacional. Participaram dessa pesquisa sete alunos do 3º ano do ensino médio com 16 e 17 anos, em sua maioria do sexo feminino.

Após o detalhamento dos dados dos artigos torna-se necessária a divulgação do resultado dessa análise.

Em todos os artigos a modalidade utilizada para o processo de orientação profissional é grupal. Sendo que apenas Miranda et al (2008) descreve e explica os critérios para utilização dessa modalidade. Podemos supor a partir disso que a escolha desse método deve-se por atender um maior número de pessoas e em um tempo predeterminado, favorecendo principalmente a aplicação em contextos populares. Outro benefício dessa modalidade é a de compartilhar das experiências entre os participantes, permitindo dessa forma que o orientando perceba que não é o único envolvido nessa situação de indecisão na escolha profissional, além de ser enriquecedora no sentido de poder perceber o sujeito inserido na sua realidade social, diminuindo assim fantasias e idealizações que possam existir. Concordo com a modalidade utilizada, sendo acrescida de entrevistas individuais inicial e final.

Outro ponto a ser analisado é a referência teórica de base para a realização dos trabalhos, diferindo nas práticas apontadas. Os artigos se dividem em abordagem clínica psicodinâmica e sócio-histórica, sendo que um dos artigos não apontou o referencial adotado, porém cita com bastante frequência Carvalho, que é da abordagem psicodinâmica, influenciada pela psicanálise e pela psicologia social. Isso pode ser indício de que não existe adequação de um modelo específico para a atuação nesse contexto de escola pública. Além de que na descrição dos instrumentos algumas práticas não atendem somente ao que a abordagem escolhida propõe. Podemos conjecturar que é importante ter uma teoria de base, para que se tenha uma visão de sujeito, porém não é necessário que se siga sempre os mesmos métodos e modelos da abordagem escolhida, pois a sociedade e os sujeitos são mutáveis e por isso precisamos sempre estar nos

adequando a essa realidade.

O público descrito nos estudo varia da sétima série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, com predominância do segundo e terceiro ano. Com faixa etária dos participantes entre 13 e 20 anos, ressaltando um aluno de uma das pesquisas que tinha 33 anos. Sendo que apenas o artigo de Miranda et al (2008) justifica a escolha pelo público atendido, pela inserção da orientação no processo educacional. Os resultados obtidos, em relação ao público atendido, reafirmam a tradicional expectativa de que os serviços de orientação profissional estão sendo aplicados, em sua maioria, com adolescentes, sendo que dentro desse contexto existe um público de jovens adultos e adultos que não são citados e/ou feito um trabalho com eles, necessitando um maior investimento no atendimento a esse diversificado público.

Ainda com relação ao público atendido há uma predominância de orientados do sexo feminino, Melo-Silva et al (2008), justifica esse acontecimento afirmando que:

É relevante considerar a necessidade da discussão sobre as práticas em Orientação Profissional no contexto da procura de serviços de saúde, de um modo geral, nos quais também predominam os clientes do sexo feminino. Indubitavelmente trata-se de uma questão de gênero, na expectativa de papéis sexuais femininos, da mulher como a que cuida de si e da família.(p. 31)

Os temas abordados durante o processo de orientação profissional são em sua maioria os mesmos: conhecimento de si mesmo ou autoconhecimento; conhecimento das profissões, incluindo mercado de trabalho; a escolha propriamente dita; influências e determinantes desta escolha, o futuro. E, com menos frequência, relatos sobre o contexto escolar e sobre o curso superior, sendo que esses só aparecem, cada um, uma única vez e em apenas um artigo. Observa-se a partir desses dados que os temas abordados são de extrema relevância, porém tem que ser observado e quem sabe, reelaborada algumas formas como estão sendo abordados.

Outro ponto que foi observado como relevante para desenvolvimentos de novas práticas e que a maioria dos artigos aponta que perceberam que o número de encontros foi pequeno, podendo ainda serem abordado novos temas e consolidados os que já tinham sido abordados. Concluído que há uma necessidade de rever a quantidade de encontros.

As conclusões dos artigos apontam no mesmo sentido, o de que a orientação profissional em escola pública tem relevância, revelando que a maioria dos alunos nunca tinham parado para discutir sobre a escolha da inserção no mercado de trabalho ou até mesmo discutido sobre o mundo do trabalho, bem como a possibilidade de fazer um curso superior ou de capacitação técnica. É possível afirmar que o orientando pode não efetivar a escolha, neste processo, porém este informa e instrumentaliza o orientando para sua escolha profissional e demais escolhas na vida. Pergunto qual o método e/ou critérios que os autores utilizam para a avaliação dos resultados pós orientação? Neste ponto vejo a necessidade de elaboração de um método de

avaliação do processo, que tenha uma maior confiabilidade, até mesmo para realização de pesquisas que contribuam para o desenvolvimento de políticas nessa área.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tantos aspectos que envolvem essa temática, é difícil estabelecer um modelo teórico que dê conta de toda a problemática. O intuito é levar a orientação profissional direto à comunidade, à escola pública.

O que é esperado, então, da Orientação Profissional, é que ela possa se tornar uma prática mais global, e não restrita somente a determinados grupos com demandas específicas, mas que possa atender a todos aqueles que necessitem de uma orientação para a elaboração ou reelaboração do seu projeto de vida profissional, como nos sugere como diretriz de ação a IAEVG – International Association for Educational and Vocational Guidance (2001) (RIBEIRO, 2003, p. 149).

Para Miranda et al (2005, p. 4):

Frente a esta realidade, buscamos considerar que faz-se necessário um novo olhar para essa prática de orientação profissional. Faz-se necessário compreender que o processo de orientação não é apenas uma prática orientada para jovens que buscam um curso superior, prática realizada durante o último ano do ensino médio; mas que entendamos essa prática de maneira mais ampla quanto à atuação do profissional e da delimitação dos sujeitos nesse trabalho.

Para Yamamoto (2007), a teoria e a prática desenvolvidas pela psicologia não corresponde às necessidades e interesses da população, tendo, desta forma, que essas práticas estejam inseridas no contexto dessa população, levando em conta os limites impostos pela sociedade capitalista e sabendo qual o seu espaço de autonomia e atuação. “Nessa direção, o desafio posto para a categoria é ampliar os limites da dimensão política de sua ação profissional, tanto pelo alinhamento com os setores progressistas da sociedade civil, fundamental na correlação de forças da qual resultam eventuais avanços no campo das políticas sociais, quanto pelo desenvolvimento, no campo acadêmico, de outras possibilidades teórico-técnicas, inspiradas em outras vertentes teórico-metodológicas que as hegemônicas da Psicologia”(p. 35).

É nesse sentido que se pode concluir que não existe um modelo específico e/ou adequado e até mesmo um referencial teórico para atuação no contexto de orientação profissional em escola

pública, o que deve estar inserido neste processo, indispensavelmente, são vários determinantes e influências do meio em que o orientando está inserido. É possível afirmar que o modelo de intervenção que melhor se adequa a esse público é o grupal, pela possibilidade de atendimento de um número maior de pessoas e por integrar as pessoas que fazem parte do mesmo grupo social a fim de proporcionar troca de experiências, que pode ajudar a transformação do seu meio em favor da população.

Para que a atuação nas classes desfavorecidas, mais especificamente nas escolas públicas seja de maneira assertiva e eficaz é necessário repensar o que já se tem disponível em relação às teorias e práticas e a partir daí reconstruir ou elaborar novos modelos de atuação que se adequem a realidade vivida por essa população.

A teoria e a prática da orientação profissional devem contribuir no sentido de dar voz aos atores sociais e suprir parte das necessidades explicitadas pelos próprios sujeitos envolvidos no processo, podendo ser esta uma forma de incentivo aos alunos de escolas públicas e agente transformador da sociedade.

Com isso, cabe questionar: pode a orientação profissional ser um incentivo ao aluno de escola pública? Quais os efeitos deste trabalho a longo prazo?

REFERÊNCIAS

ABADE, Flávia Lemos. **Orientação profissional no Brasil:** uma revisão histórica da produção científica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, jun. 2005, vol.6, no.1, p.15-24.

BASTOS, Juliana Curzi. **Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público:** um olhar sobre suas trajetórias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, dez 2005, vol.6, no.2, p.31-43.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional:** a estratégia clínica, 12º Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COSTA, Janaina Moutinho. **Orientação profissional:** um outro olhar. *Psicologia USP*, dez. 2007, vol.18, no.4, p.79-87.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares (Org.), **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**, São Paulo: Summus, 1993.

MELO-SILVA, Lucy Leal, BONFIM, Talma Alzira, ESBROGEO, Marystella Carvalho *et al.* **Um estudo preliminar sobre práticas em orientação profissional.** *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, dez 2003, vol.4, no.1-2, p.21-34.

MIRANDA, Fernanda Pimentel Faria de, ZANATTA, Leila Mercia Gardini, FERNANDES, Maria aparecida Marques *et al.* (2005) **A orientação profissional e educacional como parte do processo de escolarização** – relato de uma experiência, Trabalho de alunos do Curso de Psicologia, não-publicado, Universidade Federal do Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/projetooepe.doc>>, Acesso em: 01 de setembro de 2009.

MULLER, Talissa Palma, SCHMIDT, Juliana Scariot, SOARES, Dulce Helena Penna. **Serviço de orientação profissional do LIPO** – UFSC à comunidade: Traçando novos Caminhos. *Revista Eletrônica de extensão – Extensio*, jul. de 2009, Vol. 6, n. 7.

PESSINI, Maria Adelaide; FERREIRA, Marlene Barbado; BERNARDI, Rita Elena Borges *et al.* **Um estudo qualitativo sobre a orientação profissional:** direções possíveis, desafios necessários. *Akrópolis, Umuarama*, v. 16, n. 2, p. 131-138, abr./jun. 2008.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Demandas em orientação profissional:** um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, dez 2003, vol.4, no.1-2, p.141-151.

SELIG, Gabrielle Ana; VALORE, Luciana Albanese. **Orientabilidade ao longo de um processo grupal com adolescentes:** relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, dez 2008, vol.9, no.2, p.127-140.

SOUZA, Luiz Gustavo Silva Souza, MENANDRO, Maria Cristina Smith, BERTOLO, Milena *et al.* **Oficina de Orientação Profissional em uma Escola Pública:** Uma Abordagem psicossocial. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, nov. de 2008, vol. 29, no 2, p. 416-427.

SPARTA, Mônica. **O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil.** *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, dez. 2003, vol.4, no.1-2, p.1-11.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **Políticas sociais, "terceiro setor" e "compromisso social":** perspectivas e limites do trabalho do psicólogo. *Psicologia & Sociedade*, jan. de 2007, vol. 19, no.1, p. 30-37.